“ESTOU AQUI COMO UM PROFETA DE DEUS”. ZÉ ROBERTO:
O FUTEBOL E A *RELIGIOSIDADE* COMO
“*BELISCÃO DO DESTINO*”¹

*Claude Petrognani*²

Resumo: Este texto versa sobre um aspecto do campo religioso brasileiro, aquele que aproxima religião e futebol. Mais especificamente, discorre sobre o discurso e a presença do jogador Zé Roberto, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, num evento organizado pela ADHONEP (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno), em dezembro de 2013, em Porto Alegre. A análise do discurso proferido por Zé Roberto permite mostrar como a religião pode se tornar, num mundo sempre mais “global” e “moderno”, o “beliscão do (próprio) destino”, para retomar a expressão de Geertz. Enfim, este objeto permite refletir sobre um tema crucial da atualidade; o fenômeno religioso na modernidade.

Palavras-chave: Religião; Modernidade; Futebol.

Abstract: This text is about one of the aspects of the Brazilian religious field which compares football with religion. It specifically concerns the speech and the presence of Zé Roberto, the Brazilian soccer player who currently plays for the “Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense”, during an event organized by ADONHEP (Association of Full Gospel Business Men’s) in December 2013, in Porto Alegre. The analysis of his speech shows how religion can become, in a world more and more “global” and “modern”, the “pinch of their (own) destiny”, to use the expression of Geertz. Finally, this object makes us think about a crucial issue nowadays, the religious phenomenon in modernity.

Keywords: Soccer; Religion; Modernity.

---

¹ Trabalho originalmente apresentado como monografia final da disciplina *Religião e Sociedade*, ministrada pelo Prof. Ari Pedro Oro, no PPGAS/UFRGS, no segundo semestre de 2013.

² Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Aelgre, Brasil. Contato: claudio.petrognani@libero.it

INTRODUÇÃO: RELIGIÃO, MODERNIDADE, FUTEBOL

Este texto é o resultado de uma observação etnográfica de um encontro evangélico ocorrido no dia dois de dezembro de 2013, no restaurante *Bella Italia*, localizado na Avenida Pernambuco, número 2.353, no bairro Farrapos, em Porto Alegre. O encontro intitulava-se: *Jantar com Palestra do Jogador do Grêmio Zé Roberto*³. Procuro entender o campo religioso a partir do discurso proferido pelo jogador Zé Roberto, neste evento organizado pela ADHONEP (*Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno*)⁴. Retomo a sugestão que o antropólogo L. H. Toledo (2001, p. 133-165) desenvolve na sua *Teoria Social do Futebol*, ou seja, fazer uma *antropologia das práticas esportivas* (e não, simplesmente, uma *antropologia do esporte*⁵), o que significa pensar o *locus* esportivo, nesse caso o *locus* futebolístico, como o espaço *a partir e com* o qual pensar outras articulações, como o mundo

³ Disponível em: <<http://www.adhonep.com>>. Acesso em: 2 dez. 2013.

⁴ Para demais informações, ver o site: <http://www.adhonep.com>. Acesso em: 2 dez. 2013. “Conheci quase por acaso, este evento. Estava no Centro de formação do Internacional de Porto Alegre, conversando com a psicóloga do esporte, E. S., sobre a possibilidade de realizar uma entrevista com o técnico da categoria de base C. (o qual, umas semanas antes, tinha sido promovido no profissional). “Porque não olhas na internet?” Me perguntou E. S., “com certeza encontrarás matérias interessantes sobre o técnico (testemunhos, vídeos, entrevistas...) relacionadas à pesquisa que estás desenvolvendo...”. Procurei. E, de fato, encontrei matérias muito interessantes, sobretudo um depoimento no qual o C., em veste de “pregador”, relatava a sua experiência de jogador profissional... A matéria encontrava-se no site da ADHONEP de Porto Alegre. Na secção “eventos a ser realizados”, constava o programa, no dia dois de dezembro de 2013, de um “jantar com a palestra do jogador do Grêmio, Zé Roberto”. Seguindo as instruções do site, decidi me cadastrar: depusitei o valor que a Associação exigia (50 reais, referente à palestra e ao jantar) e recebi, por e-mail, a confirmação da reserva. Pedi para a minha namorada me acompanhar, a qual, torcedora do Grêmio, aceitou com entusiasmo (Retirado do diário de campo escrito poucos dias que procederam o evento, em 02/12/2013).

⁵ Conforme Toledo (2001, p. 137): “[...] para colocar em perspectiva e em relação as várias linhas de pesquisa e subáreas dentro da própria disciplina [...] talvez “antropologia das práticas esportivas” seja uma expressão um pouco mais matizada e pode, dessa forma, definir uma linha de pesquisa menos reducionista do que “antropologia do esporte”.

religioso. Isso significa, metodologicamente, tentar abordar este universo partindo das *margens*, como diria J. Clifford (2004, p. 10) “operando sulle soglie dell’antropologia”, nas fronteiras das articulações entre o estudo do futebol e, nesse caso, a religião, ou seja “nelle (loro) zone di contatto” (metáfora que Clifford (2004, p. 10) utiliza para encarar conceitos-chaves como “hibridação”, “sincretismo” e “vicendevole trasformazione di culture”).

É seguindo nesta direção de uma antropologia *in viaggio*, que procurarei entender as tensões entre o processo de modernização do futebol e o domínio do religioso; tensões para “[...] se pensar de maneira mais ampla a direção que vem tomando o domínio das formas de religiosidades no Brasil” (Toledo, 2001, p. 136). É interessante notar, por exemplo, que:

No domínio das novas formas de religiosidade que vêm se propagando no meio urbano nas últimas décadas e que congregam o movimento mais geral conhecido por neo-pentecostalismo, que existem certas manifestações religiosas mais voltadas para um público esportivo. (Toledo, 2001, p. 136).

É o caso, por exemplo, do *Movimento dos Atletas de Cristo*⁶, que procura atrair fiéis oriundos dos segmentos juvenis, “[...] particularmente aqueles que encenam estilos de vida mais voltados para as práticas esportivas”. (Toledo, 2001, p. 136).

A entrevista que a antropóloga Carmen Sílvia Rial concedeu à revista *Unisinos*⁷, *O ovo do Diabo e os jogadores de futebol como pastores neopentecostais*, explica como a doutrina neopentecostal pôde se difundir entre os atletas (neste caso, de futebol) e como tornar-se pastor evangélico se transformou numa aspiração e carreira plausível para um ex-jogador de futebol.

De fato, conforme Rial (2013, p. 1): “A presença do neopentecostalismo no futebol é o novo nexo entre futebol e religião [...] O fenômeno coincide com o aumento meteórico das igrejas evangélicas no Brasil [...]”.

⁶ Sobre o Movimento denominado “Atletas de Cristo” ver Jungblut, A.L. (1994) e Reinaldo Olécio Aguiar (2004).

⁷ Disponível em: <www.ihu.unisinos.br>. Acesso em: 2 dez. 2013.

E complementa:

É o caso dos jogadores de futebol. A doutrina conhecida como Teologia da Prosperidade está na base das igrejas evangélicas que tiveram maior sucesso no Brasil. Assim, a Modernidade não apenas não acabou com a religião, como previam alguns, mas a reforçou, como é o caso do neopentecostalismo [...]. O neopentecostalismo oferece uma cosmologia capaz de integrar as novas experiências de vida destes jogadores assim como possibilita, para os jogadores-celebridades, viver como milionários sem culpa. Ao contrário do catolicismo [...] o neopentecostalismo faz da riqueza material prova de um bom diálogo com Deus. (Rial, 2013, p. 1)

De fato, analisar a performance do jogador de futebol Zé Roberto, aqui, como dirá ele mesmo, *in veste* de “*profeta de Deus*”, significará, em termos gerais, tentar compreender e indagar o fenômeno religioso na modernidade.

Retomando a citação mencionada acima, procurarei, portanto, prévia e sinteticamente, problematizar a afirmação que “a Modernidade não apenas não acabou com a religião, como previam alguns, mas a reforçou, como é o caso do neopentecostalismo” (Rial, 2013, p. 1).

No seu livro *O peregrino e o convertido*, a socióloga francesa D. Hervieu-Léger (1999) apresenta uma análise da situação das religiões e das expressões de fé no mundo atual, buscando esclarecer aspectos da evolução do quadro religioso na modernidade. Mas, o que seria (é) a *Modernidade*?

No capítulo *A religião despedaçada. Reflexões prévias sobre a modernidade religiosa*, a socióloga francesa (1999, p. 31) diz que “[...] para explicitar a complexidade das relações entre a Modernidade e a religião [...]” é preciso retornar sobre a teoria da secularização que, conforme a socióloga, “[...] dominou a reflexão sobre o futuro religioso das sociedades ocidentais” (idem, p. 31).

Resumindo, os traços específicos da modernidade seriam:

A racionalidade: “[...] a primeira característica da Modernidade é de enfatizar, em todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios aos fins que se perseguem”. (Hervieu-Léger, 1999, p. 31).

A autonomia do indivíduo – sujeito: “[...] capaz de fazer o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência”. (idem, p. 32).

Um tipo particular de organização social: “[...] caracterizada pela diferenciação das instituições [...] especialização dos diferentes domínios da atividades social”. (idem, p. 32)

Seguindo na direção teórica da socióloga francesa, o traço mais fundamental da modernidade,

“[...] aquele que marca a cisão com o mundo da tradição [...]” (Hervieu-Léger, 1999, p. 33) seria: [...] a afirmação segundo a qual o homem é legislador de sua própria vida, capaz igualmente, em cooperação com outros no centro do corpo cidadão que com eles forma, de determinar as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia. (Hervieu-Léger, 1999, p. 33).

Sabe-se, porém, que “[...] a racionalidade está longe de ser impor de forma uniforme em todos os registros da vida social” (Idem, p. 33) e que, por outro lado, a mesma ideia “do indivíduo legislador da sua própria” *vida* é inconsistente⁸. De fato, é suficiente pensar, no caso do esporte, em particular do futebol, a relação que se estabelece entre futebol e religião. Como relata C. Rial:

Futebol e religião são fácil e interessantemente relacionáveis – não exclusivamente, mas especialmente na América do Sul e na África. O catolicismo popular e os cultos afro-brasileiros sempre estiveram e ainda continuam presentes no futebol. Sapos e galinhas enterrados nos estádios adversários para que ali não se façam gols, oferendas mágicas (despachos de macumba) nas esquinas antes de jogos importantes, visitas de jogadores a casa de cultos afro-brasileiros [...]. (Rial, 2013, p. 2).

---

⁸ Conforme D. Hervieu-Léger (1999, p. 32): “A suposta oposição entre sociedades tradicionais, vivendo sob o império das crenças “irracionais” e sociedades modernas racionais revela logo sua inconsistência, assim que se examina um pouco mais de perto a realidade complexa de umas e de outras”.

Dentro de uma perspectiva brasileira, podemos compreender que esse (o futebol/a religião) coincide, atualmente, com a “virada pentecostal” (Rial, 2013). Retomando os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, “[...] um em cada cinco brasileiros são agora ‘evangélicos’ [...] e a maioria destes evangélicos é formada por neopentecostais” (Rial, 2013, p. 2).

O levantamento estatístico que realizei durante a pesquisa de campo⁹ sobre a(s) pertença(s) religiosa(s) dos atletas das categorias de base do Internacional parece confirmar os dados acima mencionados: a maioria, de fato, autodefine-se “evangélico” ou “católico”, com uma pequena percentagem de “espíritas” e “umbanda”; ainda menor é o caso dos “sem-religião”.

Não pretendo aqui analisar qualitativamente os dados recolhidos, lembrando, porém, como esta repartição entre “evangélicos” e “católicos” remetem a questões sobre a percepção da própria liberdade(s) religiosa(s), que Ari Pedro Oro (2012) evidenciou no seu artigo *Liberdade religiosa no Brasil: as percepções dos atores sociais*.

Portanto, retornando à (suposta) querela entre Modernidade e Religião, podemos afirmar (pelo menos teoricamente) que, no caso do Brasil, estaríamos em presença de um estado de “*secularização neutra*”, ou, se quiséssemos refletir a partir das considerações de Carvalho (1999), num “*espaço público encantado, plural*” mas “plural” porque “competitivo”; ou, parafraseando Casanova (2013), num estado de “*secularização competitiva*”. Ou seja, conforme o sociólogo Jose Casanova “[...] um estado neutro, para que todas as religiões tenham igualdade e possam participar de uma vida pública”¹⁰. Diferentemente da sociedade europeia “sem-religião” (estou, claramente, teorizando as esferas seculares partindo das análises do sociólogo Jose Casanova, o qual, também, na entrevista à revista *Unisinos*, refere-se

---

⁹ Os resultados finais da enquete, tratando-se de uma pesquisa em andamento, ainda não estão disponíveis.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.unisinos.br/entrevistas/508258-as-religoes-estao-se-tornando-cada-vez-mais-globais-entrevista-especial-com-jose-casanova>>. Acesso em: 2 dez. 2013.

à Europa sem entrar nas especificidades de cada país¹¹) que se encontraria em um “*estado de secularização laica*”, em que o religioso estaria confinado na esfera do privado. Já no Brasil (como também sublinha a antropóloga C. Rial (2013), onde a relação entre futebol e religião seria mais “visível” do que na América do Sul ou na África), a “liberdade” de expressão e manifestação religiosa é publicamente visível, difusa e marcadamente presente no cotidiano das pessoas, tão presente (quase) a ponto de passar *desapercebida*¹².

O caso do jogador/pregador Zé Roberto é, portanto, (entre muitos outros¹³) a expressão e a prova, para citar C. Rial (2013), de “um bom diálogo com Deus”.

Como mencionei na Introdução, porém, começarei, na primeira parte, discorrendo sobre o evento: sua organização e desenvolvimento. Na segunda parte, analisarei a “performance” de Zé Roberto, focando-me sobretudo em dois pontos: a análise da linguagem e a expressão do corpo. Enfim, na terceira e última parte, tentarei mostrar como a *religiosidade* pode se tornar, num mundo sempre mais “global” e “moderno”, o “*beliscão do (próprio) destino*” (Geertz, 2001, p. 149).

¹¹ No caso italiano, por exemplo, dadas as suas especificidades históricas, sociais e culturais, fala-se de *secolarizzazione “soft”* (Enzo Pace) ou de “*religione diffusa*” (Roberto Cipriani). Para aprofundar estes argumentos, ver Cipriani (1983).

¹² Com *desapercebida* retomo a ideia desenvolvida para o C. Taylor (In: Casanova, 2013), segundo o qual o *ser secular* (no caso do Brasil, o *ser religioso*) é um ser não reflexivo. Portanto, conforme Casanova (2013), uma das principais críticas de Taylor é que: [...] O ser secular é um ser não reflexivo. E a humanidade necessita sempre ser reflexiva. Então, a não crença (ou a crença) se converte na crença (ou na não crença). Quando a não crença se converte em crença reflexiva (e vice-versa), ela convida [...] à reflexão para que não se considere natural o que é naturalizado, mas sim se encontre sempre em processos contingentes não naturalizados. (Casanova, 2013, p. 7).

¹³ No site da ADHONEP (www.adhonep.com), encontram-se testemunhos e depoimentos de outros jogadores profissionais.

“JANTAR COM PALESTRA DO JOGADOR DO GRÊMIO ZÉ ROBERTO”.

Este era o nome oficial do evento promovido, como disse, pela ADHONEP. No site da associação (www.adhonep.com), onde tive que realizar o cadastro para participar do evento, constavam todas as informações necessárias para requerer o próprio ingresso. Tratava-se de um evento jantar, no restaurante *Bella Italia*, localizado no bairro Farrapos, na zona norte de Porto Alegre. O preço para participar era de cinquenta reais, que incluía o jantar (com sobremesa) mais a palestra do jogador do Grêmio Zé Roberto, o qual, em novembro passado, já tinha participado de um evento promovido pela ADHONEP. Portanto, tratava-se do segundo encontro organizado pela Associação para dar a possibilidade, para quem não pôde, precedentemente, acompanhar a palestra de um “dos maiores jogadores de futebol do Brasil”¹⁴. Aqui segue a apresentação do evento, conforme o site da ADHONEP:

Na ADHONEP você terá a oportunidade de participar de programações inesquecíveis. Encontros sofisticados em lugares de requinte. O bom gosto e qualidade a serviço de sua família, em ambientes que você sempre buscou entre os mais bem-sucedidos empresários, profissionais liberais e autoridades civis e militares. Eventos de alto nível para pessoas de primeira classe¹⁵.

Na página inicial do site da ADHONEP, consta para quem é destinado o evento: “eventos de alto nível para pessoas de primeira classe”, onde pode-se, também, visualizar fotografias de outros participantes e palestrantes, entre os quais se reconhece o prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, e o jogador do Grêmio Zé Roberto. Em seguida, a apresentação do evento:

A diretoria do capítulo 4 da ADHONEP de Porto Alegre, teve o prazer de convidá-lo para um jantar muito especial, no restaurante Bella Itália, em 02/12/2013. O nosso palestrante da noite foi o jogador do Grêmio Zé Roberto,

¹⁴ Assim refere-se o diretor da Associação para introduzir o palestrante.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.adhonep.com>>. Acesso em: 2 dez. 2013.

que compartilhou conosco as suas experiências. Em virtude do grande sucesso do jantar que realizamos em 05/08/2013 com o Zé Roberto, e também por muitas pessoas não poderem ter participado, devido a limitação de espaço, resolvemos fazer este jantar com ele¹⁶.

Por fim, a apresentação do palestrante:

O Zé Roberto jogou 12 anos na Seleção Brasileira, no Real Madrid, Flamengo, Bayer Leverkusen, Bayern de Munique, Santos, Hamburgo, Al-Gharafa e atualmente no Grêmio¹⁷.

Tratava-se, para mim, de um evento de grande interesse etnográfico. Como disse na Introdução, a investigação que estou desenvolvendo procura compreender e problematizar o nexó entre futebol e religião, a partir das expressões e manifestações religiosas vividas pelos jogadores de futebol. De fato, um dos eixos temáticos a serem abordados na tese que estou escrevendo está relacionado à maneira como o tema da religiosidade permeia o processo de formação de jogadores, tanto por ocasião dos rituais que antecedem aos jogos, das promessas visando ao êxito na profissionalização, quanto o amparo em momentos de dificuldades (como no caso de lesões graves ou reiteradas), entre outros. Como veremos mais à frente, o discurso do jogador/pregador Zé Roberto toca em todos estes pontos, conferindo-lhes, para cada situação, um sentido (e sentimento) religioso. Tratava-se, portanto, de um evento em que a religiosidade era concretamente mobilizada e com muitas experiências a serem relatadas sobre o tema.

No dia 2 de dezembro o ar era particularmente “pegajoso”. Apertado numa camisa e numa calça demasiadamente quente (lembrei-me das fotografias dos participantes em traje elegante...) percorri, não sem dificuldades, a Rua Voluntários da Pátria. A chuva fraca, em vez de refrescar o ar, aumentava a sensação de calor. Era, mais ou menos, 18h30min, o horário pior (se há um

¹⁶ Disponível em: <<http://www.adhonep.com>>. Acesso em: 2 dez. 2013.

¹⁷ Idem.

horário pior...) para percorrer a Avenida... Os transeuntes, de fato, neste horário, se multiplicam. A rua torna-se um cardápio (um cardápio maravilhosamente vivo): vendedores de pipocas, churros (devidamente recheados), espetinhos de carne, bancas de frutas... “Mamão, mamão, mamão”. O cheiro de fritura mistura-se ao calor do asfalto. Quem comeria uma coxinha de frango? (Sinto-me uma lata de leite condensado). No outro lado da rua vendedores ambulantes procuram e vendem ouro, cabelos, filmes e DVD e filas de curiosos se formam aos redores... Estou na praça Osvaldo Cruz, um banheiro coletivo a céu aberto. Quase no destino. Um prédio enorme, cor cinza na minha frente, anuncia-me o fim da minha “aventura” e o começo de uma outra (agora sim tem sentido a célebre frase “Odeio as viagens e as explorações”... e quem sabe o que haveria a dizer o antropólogo Nigel Barley ?)¹⁸.

O rendez-vous era às 20 horas na frente do Restaurante “Bella Itália”. Cheguei de ônibus. Levou, do centro, mais ou menos uns 20 minutos. Carros poderosos estacionavam na frente do restaurante. Entramos. Bíblias e DVDs dos eventos precedentes estavam à disposição dos convidados. Tínhamos reservado uma mesa que compartilhamos com outro casal. O restaurante já estava quase lotado. Na primeira fila, pude perceber a presença do jornalista Paulo S’Antana, célebre torcedor do Grêmio... O salão tinha sido organizado para que o palestrante (tratava-se de um jantar/palestra) pudesse ter o espaço suficiente para a “performance” e para que todos pudessem enxergá-lo. A nossa mesa estava na frente do “palco”, um ótimo ponto de observação. Um Coliseu, enorme, desenhado na parede, lembrava-nos da “italianidade” do restaurante, enquanto o brasão da associação figurava pendurado no meio do salão, lembrando-nos da “solenidade” (“sacralidade”) do evento: “Sua bandeira sobre nós é o amor (Cantares 2:4)”. E Zé Roberto, de traje elegante e óculos, chegou por último, cumprimentando a todos, com a mesma elegância que também o distingue nos gramados de jogo¹⁹.

---

¹⁸ Conforme diário de campo que realizei nos dias em que ocorreu o evento (02/12/2013).

¹⁹ Idem.

“ESTOU AQUI COMO UM PROFETA DE DEUS” (ZÉ ROBERTO)

Como mencionei na Introdução, buscarei analisar partes do discurso²⁰ (a palestra durou uma hora e trinta minutos) de Zé Roberto, focando-me, em particular, sobre dois aspectos: a análise da linguagem e as expressões corporais.

Boa noite a todos. Para o senhor Jesus é motivo de alegria estarmos aqui mais uma vez [...] Queria louvar a Deus pela vida dessa diretoria que nos proporciona noites como essa [...] Eu tenho certeza que não vai ser somente uma noite na qual você saiu da sua casa, ou veio participar de um simples jantar. Eu acredito que é uma noite que ficará marcada não somente na minha vida, mas na vida de cada um de vocês que adentram aqui hoje, Amém”. (O público, imediatamente, responde “Amém”)

José Roberto da Silva Júnior, mais conhecido como Zé Roberto, está de pé, tablet na mão. Atrás dele, sentados, os membros da diretoria da ADHONEP e, pendurado na parede, o brasão da Associação. A sua fala é, intencionalmente, lenta. Repete várias vezes a palavra “louvar” e “Deus”. O tom da voz é calmo, manso. A expressão do rosto expressa tranquilidade. Na sua frente o público, sentado, o escuta com devota atenção.

Eu queria falar para vocês que essa é a minha terceira oportunidade que eu tenho de poder falar na ADHONEP. A primeira foi no Rio de Janeiro alguns anos atrás, na qual falei 10 minutos. A segunda foi alguns meses atrás, em setembro ou outubro (em Porto Alegre), onde falei uma hora e meia. E a terceira está sendo hoje, aonde irei falar três horas. Eu sei que talvez, para aqueles que vieram só para a sobremesa vai ser muito [...]; mas estou brincando, vou ser bem breve.

---

²⁰ Apresento a etnografia segundo as modalidades utilizadas por Albert Piette (1999), na qual o autor alterna descrições etnográficas e análises teóricas.

Zé Roberto está sempre de pé. A sua fala agora é informal e o tom “brincalhão”, sem referências a “Deus”. Os participantes, sentados nas mesas à sua frente, compartilham, rindo e aplaudindo.

Eu queria aproveitar esta oportunidade e convidar a todos. Queria que todos se colocassem de pé um minuto, porque estou com uma palavra que, que ela está ardendo no meu coração há alguns dias. Eu queria compartilhar essa palavra com vocês. Quero colocar um fundo musical para a gente quebrar um pouco o clima aqui [...] para que o ambiente fique mais prazeroso, mais calmo, mais gostoso [...] você que chegou aqui esta noite, talvez você veio simplesmente para ver um jogador de futebol, mas eu quero te dizer que nesta noite não está somente um jogador de futebol não. Aqui está um missionário, aqui está um homem que crê no sobrenatural; aqui está uma pessoa que acredita em sonhos e por isso eu não estou aqui como jogador. Eu estou aqui nesta noite como profeta de Deus. Eu vim profetizar em vidas, eu vim profetizar para casamentos, eu vim profetizar para jovens, eu vim profetizar aleluias porque um dia profetizaram a minha vida. Eu não posso deixar sair daqui sem contar para você um pouco da minha história. Ela se baseia no livro do profeta Isaías, capítulo 58 e versículo 11, que diz assim: O senhor o guiará constantemente; satisfará os seus desejos numa terra ressequida pelo sol e fortalecerá os seus ossos. Você será como um jardim bem regado, como uma fonte cujas águas nunca faltam [...] Amém.

O “*missionário*”, o “*profeta de Deus*”, assim autodefine-se Zé Roberto. Em tom solene, repete mais de uma vez a palavra “*profeta*”, “*profetizar*”. A sua locução faz-se “drasticamente”, lenta: pode-se perceber, entre uma pausa e outra, o som da música que colocou como plano de fundo da sua oração. Uma música “*prazerosa*”, “*calma*”, como diz Zé, para criar uma atmosfera, mobilizar “sentidos e sentimentos”, aquele “*beliscão (individual) do destino*”²¹ que está “*ardendo*” no seu “*coração*”.

Como pediu gentilmente, as pessoas agora estão de pé. Zé lê no seu tablet os versículos do profeta. Para enfatizar a leitura, cada palavra é cadenciada

---

²¹ Retomo aqui a expressão “*beliscão do destino*”, de W. James (1902), para se referir à “religião”. A religião, disse James, era “*o beliscão individual do destino*”. (James, apud Geertz, 2001)

lentamente enquanto o tom da sua voz se faz cada vez mais sério, “*Amém*”. As pessoas, de pé, repetem “*Amém*”. Em seguida, Zé faz um segundo pedido:

Será que vocês podem fazer uma oração comigo neste momento? Queria que você fechasse os seus olhos e curvasse a sua cabeça. “Soberano Deus e Eterno Pai. Em nome de Cristo Jesus eu quero render toda a adoração, toda a honra e glória a ti Senhor, porque num lugar como esse eu me sinto muito à vontade, porque eu me coloco como o segundo, porque para mim e para muitos aqui hoje nós temos o Senhor como o primeiro, Aleluia. E que nesta noite o Senhor neste momento possa abrir as mentes, tocar os corações. Eu sei, Senhor, que para o Senhor fazer grandes coisas aqui o Senhor não precisa do Zé Roberto, da Maria, e nem do João. Através da presença do teu Espírito que se faz presente, o Senhor possa ser o nosso reparador de ruínas. Não sei quais são as causas de pessoas que adentraram aqui, mas estão todas elas nas tuas mãos para que o seu nome seja glorificado. Assim eu te peço e te agradeço, em nome do Senhor Jesus, Amém.

Neste momento, Zé está de olhos fechados. O tom, sempre grave, aumenta de intensidade. Está orando, solenemente, ritmando as palavras. A oração é uma chamada insistente para que Deus apareça. Ele repete sete vezes a palavra Senhor. Conclui a oração com “*Amém*”, que o público repete, em seguida. As pessoas escutam de pé, com a cabeça curvada; alguns, de olhos fechados. Após a oração, Zé põe o *tablet* na mesa e, antes de prosseguir na sua pregação, faz um terceiro pedido:

Você pode neste momento, antes de você tomar o seu assento, olhar para a pessoa que está do seu lado, dar a mão para ele ou para ela e falar para ele ou para ela assim: “estou muito feliz porque você veio”. “Jesus tem uma palavra no teu coração”, fala para ele ou para ela: “Jesus tem uma palavra no teu coração”. Amem? Podem sentar, em nome de Jesus.

Zé Roberto aproxima-se das pessoas, as quais, como pediu, estão se abraçando e dando as mãos. Elas repetem as palavras que Zé sugeriu: “*Jesus tem uma palavra no teu coração*”. O público, pela primeira vez, “quebra” o silêncio reiterando, mais de uma vez e em conjunto, a fórmula: “*estou muito*

feliz porque você veio hoje” e, em seguida, *“Jesus tem uma palavra no teu coração”* (Zé, desta vez, utiliza, estrategicamente, o registro do imperativo no lugar do condicional para comunicar o seu pedido). As pessoas sorriem, estão visivelmente emocionadas, tomadas pelo sentimento de religiosidade que o Zé Roberto, na qualidade de *“profeta de Deus”*, está lhes transmitindo.

Se procurássemos refletir sobre a primeira parte da palestra, poderíamos perceber, sem dúvida, que algumas coisas “mudaram”, houve uma “transformação”. Primeiramente, o espaço no qual está se desenrolando a “liturgia”: o “restaurante” tornou-se um lugar “sagrado”, pois está se celebrando um culto. Os participantes, nestes momentos de “efervescência coletiva”, apesar das diferenças sociais e das motivações que os trouxeram ao evento (encontrar, ver, “tocar” um jogador de futebol), são seres humanos felizes por estarem juntos, formarem uma *communitas*²², em nome de Jesus. Estaríamos, portanto, numa dimensão religiosa, “sagrada”. De fato, conforme Durkheim (1912, p. 610): *“Il ne peut y avoir de société qui ne sent le besoin d’entretenir et de raffermir, à intervalles réguliers, le sentiments collectifs et les idées collectif qui font son unité et sa personnalité”*.

O contato com o “sagrado”, um “sagrado controlado”²³, produz-se através de um percurso preciso, regulado e gerido por Zé Roberto, através do qual as pessoas, inicialmente estranhas, sentem-se ligadas:

Le rappresentazioni religiose costituiscono rappresentazioni collettive che esprimono realtà collettive; i riti costituiscono modi di agire che sorgono in mezzo a gruppi costituiti e sono destinati a suscitare, a mantenere o a riprodurre certi stati mentali di questi gruppi. (Durkheim, 1912, apud Segalen, 2002, p.1).

---

²² Segundo V. Turner (1974), uma *communitas*, particular do período *liminar*, é uma espécie de antiestrutura em que todas as diferenças (família, idade, posição social) são (provisoriamente) abolidas.

²³ Além disso, há teorias que não leem o “sagrado” como um estado emocional de comunhão, como um sentimento positivo que consolida uma comunidade. Por exemplo, segundo Bataille (1973) e Bastide (2006) o “sagrado” é visto como um sentimento selvagem que pode “arrastar” a sociedade, se não for bem controlado.

Se quiséssemos pensar em termos de “valores”, como sugere Robbins²⁴, deslocando o nosso foco “da religião em geral para o ritual” (Robbins, 2013, p. 13) encontraremos aqui a realização de um sentimento (Robbins fala de “valores”) comunitário (como dito, o de pertencer a uma *communitas*) e que o rito, aqui expresso no ato de repetir em conjunto gestos e palavras (como aplaudir no final da oração do “Zé”) concretizaria. De fato, é pela capacidade de “[...] engajar com um valor de cada vez dessa forma [...] para aqueles que deles participam [...]” (Robbins, 2013, p. 13) que o ritual, como orienta-nos Robbins, é *representacional e performático*:

Os rituais são umas das instâncias onde as pessoas podem encontrar valores singulares expressos de modo nítido e agir sobre eles, um de cada vez. Em outras palavras, no ritmo quotidiano da vida social, as pessoas se acham orientadas para diferentes valores de modo quase simultâneo, e normalmente não são capazes de concretizar nenhum deles de modo integral. [...] Sugiro que é no ritual, em contraposição à vida quotidiana, que as pessoas chegam mais perto de concretizar valores de modo pleno. (Robbins, 2013, p. 12).

Não podemos nos esquecer, também, de que o carisma do Zé e a música contribuíram para que houvesse um estado “emocionalmente intenso”. Tratar-se-ia, portanto, de momentos que os antropólogos, desde Durkheim, associaram com a irrupção do “sagrado”. Um “sagrado” que a religião católica, em crise de “identidade”, tem alguma dificuldade de “despertar” e que, no entanto, é recorrente entre as igrejas pentecostais.

Quando eu leio a palavra do profeta Isaías, no capítulo 58 e versículo 12, que diz, reparadores de ruínas, ruínas nos traz à existência e à memória coisas tristes e negativas. Ruínas fala da última semana onde ligando as nossas televisões, visualizando e vendo o que um tornado fez com milhares e milhares de vidas nas Filipinas, ruínas nos traz lembranças [...]. Falar de ruínas nos traz à memória

---

²⁴ Conforme conferência proferida nas XVII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina, Porto Alegre, novembro 2013. J. Robbins é antropólogo, professor na University of California, San Diego.

coisas tristes, e quando eu li este texto que o Senhor trouxe ao meu coração, eu comecei diante dele a meditar um pouco sobre a minha infância. Talvez muitos que adentraram aqui conhecem o Zé Roberto que iniciou a sua carreira na Portuguesa, em São Paulo, logo sendo transferido para uns dos maiores clubes do mundo, o Real Madrid, retornando para um outro grande também no Brasil, o Flamengo, logo após uma pequena passagem sendo transferido para o Bayer Leverkusen. Talvez você chegou aqui, você conhece o Zé Roberto que jogou também no Bayern de Munique [...] e hoje jogador do Grêmio, e doze anos jogando para a seleção brasileira. Talvez para você, talvez para muitos, veio na mente e na cabeça, talvez outros dizendo “nossa quanta sorte teve o Zé Roberto”. Eu quero te dizer que a sorte não teve nada a ver com isso. O segredo do meu sucesso se baseia no salmo 37 versículo 5, que diz: “entrega o seu caminho ao Senhor, confia nele e Ele tudo fará”. Para eu alcançar tudo aquilo que alcancei até hoje precisou ter uma entrega, e às vezes, para fazermos entrega precisamos renunciar algumas coisas nas nossas vidas. Por isso iremos falar um pouco de fé, de renúncias e de uma outra palavra que diz acerca de referência, quando eu falo acerca de referência a qual nós vivemos em uma sociedade [...] porque vivemos no meio de uma sociedade materialista onde nós homens vivenciamos em tempos em que somos amantes de si próprios [...] e quando a palavra de Deus fala de ruína quantos de nós aqui não temos uma ruína que precisa ser reparada, Quantos? talvez a ruína que precisa ser reparada na sua vida seja o casamento, na família, na saúde, nos relacionamentos, no trabalho, na tua empresa [...] porque talvez você me vê bem trajado [...] como uma referência, ganhador de títulos. Para mim é uma oportunidade muito grande [...] falar sobre a minha história que se inicia em ruínas, mas no meio deste processo houve alguém que reparou essas ruínas. Eu tenho certeza que se tiver pessoas aqui passando pelo processo e a fase da ruína pode reparar alguma coisa ao seu favor.

O público está sentado, atento. A elocução agora é muito lenta, “ritmada” com repetições (a palavra *ruínas* é repetida dez vezes) e intercalada com momentos de silêncio. Zé Roberto tenta envolver os seus ouvintes: é para eles que fala. Imagina o que podem pensar (“*quanta sorte teve o Zé Roberto*”) e lhes dá a resposta (“*eu quero te dizer que a sorte não teve nada a ver com isso. O segredo do meu sucesso se baseia no salmo 37 versículo 5 que diz: “entrega o*

seu caminho ao Senhor, confia nele e Ele tudo fará). Acrescenta, também, que para alcançar o sucesso é preciso renunciar (*“precisamos renunciar algumas coisas nas nossas vidas”*) e, sobretudo, ter fé em Deus (*“por isso iremos falar de fé”*). Imagina as ruínas do público que precisam ser reparadas (*“talvez a ruína que precisa ser reparada na sua vida seja o casamento, a família [...]”*) e, como no caso dele *“houve alguém que reparou estas ruínas”*, está certo que *“alguém também pode reparar alguma coisa ao seu favor”*.

Nesse trecho é notável o uso das técnicas do discurso persuasivo tal como a capacidade performativa de um pastor evangélico²⁵. Mas o que nos interessa é o momento da “revelação”, quando Zé anuncia que Deus se revelou a ele (*“eu li este texto que o Senhor trouxe ao meu coração”*), e sublinhando como seus sucessos (*“o Zé Roberto que iniciou a sua carreira na Portuguesa, em São Paulo, [...] transferido para uns dos maiores clubes do mundo, o Real Madrid, retornando [...] ao Brasil, o Flamengo [...] sendo transferido pelo Bayer Leverkusen [...] o Zé Roberto que jogou também no Bayern de Munique [...] e hoje jogador do Grêmio, e doze anos jogando para a seleção brasileira”*) se baseiam na entrega nas mãos do Senhor (*“entrega o seu caminho ao Senhor, confia nele e Ele tudo fará”*).

Quando era jovem, o meu maior sonho era me tornar um jogador de futebol [...] eu me lembro quando era criança, dentro do meu quarto, os olhos cheios de lágrimas, ouvindo aquelas palavras e dizendo “Senhor, realiza o meu sonho”. Eu me lembro que todas as noites quando me deitava vinham essas palavras no meu coração [...] eu me lembro que deitava, colocava a minha cabeça na almofada e dizia: “Senhor realiza o meu sonho de jogar futebol” e mesmo sem eu conhecer Deus eu via como se alguma coisa falasse ao meu coração, me trazendo uma esperança de que o meu pedido, Ele, Ele iria ser atendido.

Zé Roberto lembra de sua infância, que o *“maior sonho era me tornar um jogador de futebol”*. Lembra, comovido, das repetidas rezas a Deus,

²⁵ Sobre as qualidades “performáticas” dos pastores evangélicos e as suas técnicas de discurso persuasivo, ver Oro (2010).

antes de deitar (*“Senhor realiza o meu sonho”*). Enquanto conta sobre a sua infância, ajoelha-se. Reza como se estivesse rezando na sua cama, quando era criança. Deita-se no chão, continuando sua oração. Em seguida, como se estivesse acordando, esfrega os olhos e, de pé, “literalmente banhado em sentimento” (James, 1902, apud Geertz, 2001, p. 149), prossegue a sua narração, consciente de que *“alguma coisa falava no seu coração”*.

Eu jogando na Alemanha passei por uma situação, estava passando por uma fase à qual eu percebi que Deus emitia uma chamada na minha vida, uma chamada de não ser somente um jogador de futebol, mas de ser um anunciador de boas novas. Eu me lembro que me chamavam para ir à Igreja, para participar de eventos como esse no qual vocês estão. Eu vinha, me alegrava [...] mas era uma fase em que tinha que tomar algumas decisões e fazer algumas renúncias. Eu falei para Deus que se Deus tinha algo de diferente para a minha vida para que Ele me mostrasse.

“Estamos” na Alemanha. Zé Roberto, agora, tornou-se um “homem” e realizou o seu sonho: ser um jogador de futebol profissional. Ele sente, porém, que não é suficiente jogar e ir para a Igreja; ele percebe “nos recônditos dos sentimentos, nas camadas mais obscuras do caráter” (James, 1902, apud Geertz, 2001, p. 149) uma chamada (*“percebi que Deus emitia uma chamada na minha vida”*): chegou o momento de se entregar a Deus e de se tornar *“um anunciador de boas novas”*.

Eu me lembro que eu jogava pelo Bayer Leverkusen. Foi um fim de semana que a gente foi jogar em uma cidade distante, onde tivemos que pegar um avião [...] e quando a gente jogou aquele jogo eu me lembro que me lançaram uma bola [...] eu me lembro que tomei um atropelo de um zagueiro [...] e quando fui atropelado eu me lembro que o joelho do zagueiro bateu bem no meio da minha frente, da minha cabeça, eu me lembro que eu desmaiei e que o meu desmaio foi muito rápido [...] naquele momento quando eu me levantei eu não percebi muito bem para onde estávamos atacando [...] terminou o primeiro tempo me lembro que sentava do meu lado o Lucio [...] eu me lembro que olhava para o meu treinador e não sabia muito bem

quem era ele [...] O “Zé não está muito bem”, disse o Lucio para o treinador [...] eu fiquei no vestiário [...] acabou o jogo [...] fomos para o aeroporto [...] o Lucio levanta e vai até o treinador que está sentado mais à frente e fala para o treinador “o Zé não está muito bem” [...] o doutor percebeu que eu estava diferente [...] quando cheguei na minha casa, o Lucio estava atrás de mim e falou para a minha esposa “coloca o Zé para deitar, está com dor de cabeça” [...] Ela me levou até o quarto [...] eu de repente dei um grito [...] sobe todo mundo para o meu quarto. A minha esposa me pergunta “o que é que foi?”. Todo o mundo estava desesperado [...] A Luciana (a esposa) começou a me fazer perguntas [...] “amor quem é a Miriana”, eu “não sei”; “quem é o Lucio”? eu: “o Lucio é o lixeiro”. “Amor quem sou eu?” Quando eu falei que ela era a empregada [...] lágrimas começaram a cair do seu rosto [...] bateu um desespero muito grande, houve um silêncio. De repente a Luciana vira para mim e faz uma simples pergunta: “amor quem é “Jesus”?” Naquele momento [...] não sabia quem era eu, a Miriana, o Lucio, a minha esposa. Mas quando ela me falou quem era Jesus eu me lembro que começou a cair lágrimas dos meus olhos e uma voz que dizia dentro do meu coração: “Eu sou aquele que restaurei os teus sonhos”. Quando ela me perguntou quem é Jesus, eu me lembro que vinha na minha mente, no meu coração, era uma presença muito forte que vinha dizendo dentro dos meus ouvidos: “eu sou aquele que restaurei os teus sonhos”, “eu sou aquele que serei as tuas feridas”, “eu sou aquele que te perdoei pelos teus pecados”. E quando eu ouvi aquela voz imediatamente a minha mente começou a funcionar de novo. Abracei a minha família e todos nós choramos e glorificamos o nome do Senhor. E naquele mesmo instante o Espírito Santo de Deus falou ao meu coração. Essa é a maior prova da chamada que eu tenho na sua vida. A partir daquele momento, eu não queria outra coisa a não ser andar nos caminhos do Senhor Jesus. E através desta caminhada o que Deus tiver feito na minha vida serão coisas extraordinárias [...] eu sou uma testemunha vivo de que este Deus que eu viva, que eu sirvo, Ele ainda faz milagres [...] Aleluia. Se coloquem de pé para orar em nome de Jesus.

A história do Zé “*tomando um atropelo do zagueiro*” começa com um tom trágico. O público acompanha com atenção a trajetória daquele dia,

quando Zé Roberto refere que em evidente estado de confusão não consegue se lembrar do jogo, do resultado, e, uma vez em casa, da sua família. O tom, porém, muda drasticamente quando lembra da sua esposa, chorando desesperadamente. Até que, quando perguntam-lhe quem é Jesus, lágrimas começaram a cair dos seus rostos, e uma voz, o “*beliscão contundente*” (James, 1902, apud Geertz, 2001, p.150), revela-se plenamente: “*eu sou aquele que restaurei os teus sonhos, eu sou aquele que sarei as suas feridas, eu sou aquele que te perdoei pelos teus pecados*”.

“Não sei quanto durou esse estado nem quando foi que adormeci [...] mas, ao acordar de manhã, eu estava bem” (James, 1902, apud Geertz, 2001, p. 149). Uma metáfora perfeita da trajetória reveladora do “nosso” *profeta de Deus*.

No terceiro e último trecho da palestra, três são os momentos nos quais é possível perceber como a religiosidade do Zé Roberto, no seu processo de formação como jogador de futebol profissional, progressivamente vai se concretizando e mobilizando-o. Escutando a elocução do “*Zé missionário*”, “*Zé profeta de Deus*”, parece ouvir, à distância de mais de cem anos, o que W. James (1902) escreveu a propósito da religião ou da religiosidade. De fato, como recorda C. Geertz (2001, p. 149-165), no seu *O beliscão do destino: A religião como experiência, sentido, identidade e poder*, a religiosidade de James era uma questão radicalmente pessoal:

A ‘religião’ ou ‘religiosidade’ de James [...] é uma questão radicalmente pessoal, uma profunda experiência particular e subjetiva de um ‘estado de fé’ que resiste com inflexibilidade às pretensões do público, do social e do cotidiano de (Geertz citando James) ‘serem os ditadores únicos e máximos daquilo em que podemos acreditar. (Geertz, 2001, p. 150).

Como dirá Geertz (2001), o texto “*Variedades*” (de James) possui um sentido duplo, que lhe confere um aspecto “*ultracontemporâneo*” e, ao mesmo tempo, “*inusitadamente distante*”. Aqui, porém, o que é importante ressaltar, a despeito das críticas que Geertz move ao texto – (segundo o antropólogo americano falar atualmente de “*espiritualidade*” não teria o mesmo sentido

que na época de James, época na qual, sob os “impulsos” do secularismo, a religião parecia ficar cada vez mais subjetiva, enfraquecendo como força social, ou, como escreve Geertz (2001, p.151) “[...] para se tornar uma questão inteiramente ligada aos afetos do coração [...]” – é que, apesar dos eventos²⁶ terem contribuído menos para “impelir a fé para dentro que para fora” (Idem, p. 151), o “[...] beliscão continua a existir, contundente e incômodo” (Idem, p. 151).

Como definir, se não, o “estado de fé [...] os recônditos dos sentimentos”²⁷, as camadas mais obscuras e mais cegas do caráter [...]” (James, 1902, apud Geertz, 2001, p. 149) do “*Zé profeta de Deus*”?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a experiência do “*Zé profeta de Deus*” levou-nos a refletir sobre um tema crucial da nossa sociedade contemporânea, ou seja, o fenômeno religioso na modernidade. Primeiramente, procurei compreender o que significa, sociologicamente, falar em “modernidade”. Em seguida, problematizei o nexos religião/modernidade, focando-me no caso brasileiro. Vimos que o surgimento das novas religiões evangélicas, em particular o neopentecostalismo, despertou um novo sentimento religioso (um novo sagrado?). A narração do processo de formação do Zé Roberto como jogador de futebol profissional, permeada de religiosidade, permitiu que tencionássemos o processo de modernização do futebol e o domínio do religioso; tensões, como mencionei na introdução, para “se pensar de maneira mais ampla a direção que vem tomando o domínio das formas de religiosidades no Brasil” (Toledo, 2001, p. 136). Metodologicamente, vimos que é possível se aproximar do mundo do “religioso” procurando fazer uma “*antropologia das práticas esportivas*”, ou seja, realizando uma etnografia num “*restaurante*” e com um “*jogador de futebol*” como palestrante, como se

²⁶ “As duas guerras mundiais, o genocídio, a descolonização [...]” (Geertz, 2001, p. 152).

²⁷ Seguindo na direção de Geertz, esclareço que falando de “sentimentos” não estou tomando uma posição dualística entre “a voz do psicólogo, fascinado pelas profundezas afetivas [...] e a voz do antropólogo, deslumbrado com as superfícies sócias”. (Geertz, 2001, p. 152).

estivéssemos presenciando um “*evento internacional evangélico*”²⁸. Da análise do discurso proferido pelo Zé Roberto, podemos, portanto, afirmar como a *religiosidade* pode se tornar, num mundo sempre mais “global” e “moderno”, o “*beliscão do (próprio) destino*” (Geertz, 2001, p. 149-165).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Reinaldo Olécio. *Religião e esporte – os atletas religiosos e a religião dos atletas*: um estudo das transformações na relação entre o subcampo protestante brasileiro e o esporte. Tese (Doutorado). UESP, São Bernardo do Campo, 2004.
- BARLEY, Nigel. *The Innocent Anthropologist: Notes from a Mud Hut*. New York: Vanguard Press, 2000.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BATAILLE, Georges. *Théorie de la religion*. Paris: Edition Gallimard, 1973.
- CARVALHO, José Jorge. Um espaço público encantado. Pluralidade Religiosa e Modernidade no Brasil. *Série Antropologia*, UNB, n. 249, 1999.
- CASANOVA, Jose. As religiões estão se tornando cada vez mais globais. *Revista Instituto Humanitas Unisinos*, 2013.
- CIPRIANI, Roberto. Religione e politica. Il caso italiano: la religione diffusa. *Studi di Sociologia*, Roma, 1983.
- CLIFFORD, James. *Ai margini dell'antropologia*. Roma: Meltemi editore, 2004.
- DURKHEIM, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*. Paris: Félix Alcan, 1912.

---

²⁸ Reporto-me aqui ao evento descrito por Ari Pedro Oro (2010), denominado “*Break-through 2008*”, ocorrido na Igreja Rey des Reyes, Buenos Aires, Argentina, de 22 a 24 de setembro de 2008.

FONTENELLE, de Bernard. *La digression sugli antichi e sui moderni*. Roma: Manifestolibri, 1996. [1 ed. 1688].

GEERTZ, Clifford. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.149-165, 2001.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 1999.

JAMES, William. *The varieties of Religious Experience: A study in Human Nature*. New York: Cosimo Classics, 2007. [1 ed. 1902].

JUNGBLUT, Airton Luiz. *Entre o Evangelho e o Futebol: um estudo sobre a identidade religiosa de um grupo de Atletas de Cristo em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. Paris: Pocket, 2006.

ORO, Ari Pedro. Reciben lo que veniran a buscar – nação e poder num encontro evangélico internacional, em Buenos Aires. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 30, v. 1, p. 32-52, 2010.

_____. Liberdade religiosa no Brasil: as percepções dos atores sociais. A religião no espaço público. *Antropologia hoje*, São Paulo, Terceiro nome, 2012.

PIETTE, Albert. *La religion de près. L'activité religieuse en train de se faire*. Paris: Métailié, 1999.

RIAL, Carmen. “O ovo do diabo” e os jogadores de futebol como pastores neo-pentecostais. *Revista Instituto Humanitas*, n. 424, 24 jun. 2013.

ROBBINS, Joel. Pluralismo Religioso e Pluralismo de Valores: Ritual e Regulação da Diversidade Intercultura. In: XVII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 2013, Porto Alegre.

SEGALEN, Martine. *Riti e rituali contemporanei*. Bologna: Il Mulino, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. Futebol e Teoria Social: Aspectos de Produção Científica Brasileira. *BIB*, São Paulo, n. 52, 2º semestre, p. 133-165, 2001.

TURNER, Victor. *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Recebido em: 27/03/2014

Aprovado em: 15/05/2014